

## A FEMINILIZAÇÃO DE NÍNIVE – NAUM 3,1-7

Marli Wandermurem

Os profetas utilizaram de diversas maneiras as imagens sexuais (matrimoniais) para comentar as condutas sociais, políticas e econômicas de Israel. Eles não foram os primeiros a feminilizar as cidades. Essa tradição procede do Antigo Oriente Próximo. Era costume literário utilizado para apresentar as cidades, especialmente as capitais. Naum faz uso deste recurso literário para falar do julgamento de Nínive. Utiliza para tal situação a imagem da “prostituta”, o que equivale a uma conduta sexual inadequada. O texto é belo. O poeta consegue descrever a destruição de Nínive criando frases substantivadas. As frases são nominais. Vejamos, a respeito, o texto de Naum 3,1-7:

### 1. O texto

<sup>1</sup>Ai da cidade sanguinária,  
cheia de fraudes  
e de enganos,  
rapinas sem fim!

<sup>2</sup>Estalido de chicote!

Estrépito das rodas!

Cavalos a patejar!

Rangidos de carros!

<sup>3</sup>Ginetes que empinam!

lampejar de espadas

cintilar de lanças!

Vítimas sem conta!

Montes de corpos!

Cadáveres sem fim!

Tropeça-se em mortos.

<sup>4</sup>Por causa das múltiplas orgias da prostituta,

Hábil feiticeira, de graça primorosa,

Que escravizava as nações por suas libertinagens,

Os povos por sortilégios.

<sup>5</sup>Venho contra ti,

oráculo de Javé de todo o poder!

Levanto a tua saia até a face

Para exhibir tua nudez                      diante das nações

Diante dos reinos,

tua infâmia.

<sup>6</sup>Eu te cubro de imundícies

para te desonrar

e fazer de ti um exemplo.

<sup>7</sup>Eis que, quem quer que te veja

foge aos gritos:

“Nínive foi devastada!

Quem por ela fará um gesto de piedade?

Para ti, onde irei procurar consoladores?

### *1.1. Estilo*

O texto está dividido em três parágrafos: v. 1-3, v. 4, v. 5-7. No primeiro se descreve o momento da destruição e o que está sendo usado para efetuar o massacre de Nínive. O v. 1 abre com a interjeição *hoy* “ai”. Este termo tem como função visualizar a situação da cidade. A interjeição vem seguida de termos que identificam a cidade: ela é sanguinária. As outras três frases são sinônimas, querem enfatizar o que contém a cidade. Usa-se para isso os termos: “fraudes, enganos e rapinas sem fim”.

No v. 2 a poesia direciona a atenção para descrever o momento da destruição. São 11 frases e compõem os v. 2-3. As frases são curtas, mas de grande impacto. Demonstram todo o movimento do momento da invasão e destruição, apresentando todos os instrumentos usados: chicotes, carros, cavalos, espadas e lanças. Após a apresentação dos instrumentos vem a demonstração dos resultados: a morte. As últimas quatro frases são sinonimamente repetidas para enfatizar a matança. Assim a frase: “vítimas sem conta!” vem enfatizada pelas outras três que querem dizer que houve na cidade muitas mortes.

O v. 4 inicia um outro assunto. Refere-se às causas que levam à destruição. O termo “por causa” abre o parágrafo. Este verso demonstra que a sentença já foi aplicada. Novamente o texto atribui uma outra identidade à cidade: é prostituta, é feiticeira. Com o qualificativo prostituta se diz que ela fazia múltiplas orgias; e é hábil feiticeira. A prostituição e a feitiçaria são instrumentos que lhe dão poder para escravizar as nações. O último parágrafo contém os v. 5-7. Trata-se do oráculo de Javé.

## 1.2. A linguagem

Há muitas frases na poesia que denotam a coragem na proclamação do julgamento contra o poder totalitário. As palavras representam inconformidade com a injustiça. Nas frases transparece a consciência crítica de um povo que, além de sofrido, está revoltado. Acima de tudo, a poesia alcança seu ponto alto na satisfação de perceber a queda. Ironiza a prepotência dos poderosos e usa para proclamar o extermínio da cidade opressora uma linguagem extremamente violenta. Esta linguagem é dita de maneira tão forte que, ao ler as frases, podemos quase que visualizar uma filmagem.

Apesar de a linguagem conter requintes de muitas violências, é uma obra literária bem composta e de muita beleza. A mensagem é forte, por isso exige uma linguagem forte. É uma linguagem que suscita emoções quase que palpáveis. E esta linguagem faz a beleza da poesia. A beleza e a força que está na arte do poeta em desenhar com palavras que penetram a mente. Utiliza frases curtas, com traços breves, e justapõe as frases para dar sentido ao discurso. O efeito na descrição causa impacto. Como estas frases:

<sup>2</sup>Estalido      de chicote!  
Estrépito      das rodas!  
Cavalos        a patejar!  
Rangidos      de carros!  
<sup>3</sup>Ginetes        que empinam!  
Lampejar      de espadas  
Cintilar        de lanças!

Assim, a poesia comunica sua mensagem com todos os truques de palavras e arte que o idioma lhe permite. Domina os símbolos, principalmente quando se trata de guerras.

Outro fato importante na poesia é a arte da repetição. O poeta sublinha pontos, e, para isso, repete palavras e frases. Às vezes, repete a mesma palavra; outras, lança mão de sinônimos com o intuito de repetir a idéia:

Vítimas sem conta!  
Montes de corpos!  
Cadáveres sem fim!  
Tropeça-se em mortos.

O texto concentra sua atenção numa cidade e, ainda que extraia todo seu argumento do passado e do futuro, refere-se quase todo o tempo ao ato presente. Os valores que inspiram Naum são nobre e vil/mal. Todo este aparato lingüístico tem uma só finalidade: Descrever o fim de Nínive. Faz isso em forma de oráculo. Para ressaltar o

impacto da destruição, apresenta sempre os “excessos” da cidade. Quais são estes excessos? A poesia enfatiza: riqueza, poder e violência sobre os dominados.

Enfim, eis a obra de Naum: uma poesia bem elaborada, que “olha” com satisfação a queda merecida da grande Nínive. O texto não é tanto um manual de teologia, antes é uma obra literária e, como tal, usa linguagem característica da literatura. O resultado do uso adequado dos termos compara-se a uma sinfonia musical.

## 2. Uma questão difícil

O livro de Naum apresenta uma questão que é de difícil entendimento para os seus leitores. No primeiro verso já se encontram termos para se questionar: por que Naum, um profeta judeu, focaliza sua atenção sobre a sorte de Nínive, uma cidade da distante Mesopotâmia?

Dizer, simplesmente, que Nínive era uma das maiores cidades da Assíria e a principal residência dos últimos reis assírios, não explica. É preciso ler esta obra literária, que é bela e bem composta, com os olhos voltados para o seu contexto histórico, político e social. Estes dados são essenciais. São eles que fundamentam a importância para esta poesia de Naum.

A queda de Nínive em 612 aC, por certo, foi um dos fatos que causou maior repercussão na região durante o tempo em que o livro de Naum estava sendo elaborado. Conhecendo o Império Assírio não é difícil entender a força e a antipatia que o poema manifesta contra a cidade e sua alegria no julgamento. Portanto, a queda de Nínive está inserida num espaço histórico bem situado.

Nínive, como personificação do Império, suscita sentimentos negativos dos anti-assírios. Daí percebe-se por que Naum, um profeta, de Judá, se propõe ser voz dos que almejam o dia da derrota. Para isso, produziu um texto. É necessário, portanto, lançar um olhar sobre o Império Assírio.

### 2.1. *Assíria: escravizava as nações por suas libertinagens*

É preciso ler Naum a partir de seu contexto sociopolítico. Este compõe o pano de fundo de sua poesia. Percebe-se que a palavra Assíria é mais que um vocábulo. Este termo contém significações que são estampagens na memória da sociedade, não só da época de Naum, mas também de outras sociedades anteriores. Estas sociedades sabem do poder que emana deste termo. Por certo, têm no nome “Assíria” a personificação de reis que mantinham controle de poder e destruição em cidades como: Assur, Nínive e Cala. Mas o que é a Assíria?

Este povo tem uma história antiga. Para o nosso objetivo interessa, em especial, focalizar o período neo-assírio. É a época que alcançou grande influência na situação social, política e religiosa dos reinos de Israel e Judá, além, é claro, de toda uma região de circunvizinhança. É na segunda metade do oitavo século que a Assíria começa sua histó-

ria mais extraordinária. Isso acontece graças a Tiglat Pileser III que governou de 745 a 727. Este período inicia o pesadelo mais cruel dos reinos nas regiões da Síria-Palestina.

Foi Tiglat Pileser III quem restabeleceu a autoridade real e aperfeiçoou a técnica militar. Uma vez no trono, aliviou seu império da pressão araméia do lado esquerdo do rio Tigre e, com isto, deixou sem muita expressão o reino de Urartu (permanecem os Medos) e concentrou sua atenção na Síria. Em 743 aC abre uma campanha contra o oeste. Faz Damasco vassalo (2Reis 15,37), também Manaém de Samaria (2Reis 15,14-23) e outros tantos reis.

Quando a guerra sírio-eframita de 735 (2Reis 16,5-6; Is 7,6) se mobilizou, reclamada por Judá (2Reis 16,7-8) a Assíria devastou em 734-732 aC a Galiléia e Galaad (2Reis 15,29) e chegou até Gaza. Por fim, em 732 aC põe fim ao reino de Aram, destruindo Damasco.

Após sua morte, Salmanasar V, seu filho, reinou durante o período de 726-722. Intervém na Síria e na Palestina. Assediou Samaria durante alguns anos até que esta caiu em 722 aC (ou 721?). Este rei, ao que parece, foi assassinado durante uma rebelião, possivelmente por partidários de Sargão II em 721 aC.

O rei Sargão II governou até 705 aC. Consagrou-se sufocando uma insurreição sírio-palestina e com a deportação de vários milhares de pessoas de Samaria. Também foi responsável pela queda de Urartu em 714 aC. Quanto à Babilônia, consegue submetê-la em 710 aC. O reino assírio, com Sargão II, se estendeu desde o Golfo Pérsico até Urartu, Capadócia, Cilícia e Chipre. Abrangeu também Elam e parte da Média até o Mediterrâneo, e o sul da Palestina com derivações até a Arábia. Segundo a tradição sumério-babilônica, Sargão II é o “rei da totalidade”.

Após Sargão II, veio Senaquerib que reinou entre 704-681 aC. Este tem muitas ligações com a tradição bíblica, uma vez que concentra suas preocupações em dois pontos extremos de seu império: Síria-Palestina por um lado, e Babilônia por outro. Em 701 aC age contra uma coalizão fenício-filistéia, onde figura também a pessoa de Ezequias de Judá. Com a vitória, a Assíria assegura o domínio do litoral palestino, submetendo várias cidades e assaltando a poderosa fortaleza de Eqrón. Terminada esta tarefa, sitia Jerusalém para vingar-se de Ezequias, cuja política, neste momento, é antiassíria (2Reis 18,7).

O reinado de Asarhaddon se deu no período de 680-669. Sua grande meta é a conquista do Egito. Dirige suas operações (671) contra Tiro, Sídon e a costa síria. Muitos reis são obrigados a se submeter, incluindo Chipre e, entre os da Palestina, Manassés de Judá. Desta maneira, pôde abrir o caminho para atacar o Egito e dominá-lo.

A conquista do Egito é completada por Assurbanipal (668-627). Persegue o rei egípcio Tanutamón que se refugiou em Tebas. A cidade é devastada e saqueada em 663. Este fato é parte da memória da sociedade israelita. Paralelamente aos aconteci-

mentos assírios, os cimérios se movem na Anatólia, empurrados, por sua vez, por outro povo em migração. São os citas.

A Babilônia, apesar de submetida, não é favorável à Assíria. Samas-Sunukin negou-se a submeter-se a seu irmão, mas é vencido em 648. Elam termina sua história em 639 debaixo dos golpes de Assurbanipal. Mas a Pérsia inicia sua ascensão e os medos não podem ser reprimidos eficazmente. É deste ponto que começa a ruína da “gloriosa” Assíria. Pode-se destacar alguns fatores que complicam sua permanência no poder. Um deles está no fato de os reis que seguiram Assurbanipal não terem uma forte personalidade. Por isso, não obtiveram sucesso contra os medos que se reconstituíam constantemente. Outro fator vem da Babilônia que ressurge avassaladora com o caldeu Nabopolassar.

Os medos insistem. Em 614 Ciaxares se dirige ao centro do Império Assírio e toma Assur; com isso, deixa isolada a capital Nínive. Esta não resiste à ofensiva dos medos que, em conjunto com os caldeus, a tomam em 612. Assim, Nínive, Cala e outras cidades importantes são arrasadas.

Portanto, é esta a história de um povo que exerceu uma grande influência na situação política, social e religiosa das sociedades da tradição bíblica. E, assim, temos um livro que se dispõe a dirigir-se quase que exclusivamente ao povo assírio, em especial, ao centro do seu poder: Nínive.

## *2.2. O lado bom desta história*

O lado positivo da história dos assírios é que deixaram um acúmulo de textos preciosos, sobretudo crônicas militares, dedicações, correspondências diplomáticas, templos, protocolos de presságios e outros objetos, que faziam parte da biblioteca real. Tem-se recuperado diversas compilações de textos religiosos e jurídicos, além de muitas inscrições comemorativas.

## *2.3. O lado ruim da história*

O lado negativo está no fato de que a sociedade da época bíblica, no período de domínio assírio, pôde constatar que o império era sinônimo de muita violência. A pior de todas as violências era o que acontecia aos prisioneiros que sobreviviam às torturas. Estes eram transportados para outras terras. A intenção era cortar as raízes culturais, religiosas e familiares.

Era uma dominação tão cruel que muitas nações optavam por rebelar-se. Mas o tratamento que os assírios davam aos povos que tentavam sair de debaixo deste julgo era repleto de crueldade. Nota-se, pelas principais ilustrações nas obras de arte que deixaram espalhadas em seu mundo, que a tortura de povos rebelados foi a sua especialidade.

Toda esta fama com requintes de crueldade alcançou muitos lugares. É isso que Nínive abriga. A cidade é o coração desta maldade. Só a destruição deste “coração” po-

derá livrar os povos de tão cruel destino. A partir desta ótica podemos entender a antipatia da poesia de Naum e sua alegria com a destruição da capital deste império: Nínive.

### **3. Nínive: hábil feiticeira de graça primorosa**

Nínive era uma das principais cidades do potente Império Assírio. Muitos soberanos a tomaram como capital. Estava localizada à margem do rio Tigre. Ostentava suntuosos palácios e templos, abrigava a biblioteca de Assurbanipal, acumulava uma grande riqueza.

Ocupa lugar de destaque nas literaturas do Antigo Testamento. Em Gênesis 10,11-12 apresenta-se sua fundação atribuída a Nimrod. Fala-se dela em Sofonias 2,13-15; 2,15; Jonas (cap. 3–4) prega a grandeza divina em suas ruas. Nínive também aparece em 2Reis 18,14. Na poesia de Naum a profecia está totalmente voltada para “enterrar” a conhecida cidade sanguinária. Por isso, o livro, além de anunciar sua ruína, ainda a celebra.

Nesta capital, foram construídos palácios onde se amontoavam as muitas riquezas das nações dominadas. Muitas esculturas decoravam os muros das salas e pátios, pedras ornadas com relevos em que se celebram os méritos dos soberanos na caça ou no combate. Tais obras de arte apresentam, aos nossos olhos, a ilustração de uma história de campanhas e guerras, com toda ênfase e destaque de uma tremenda crueldade e violência.

Além das obras de arte que testificam uma história, também encontram-se obras literárias neste local. Principalmente na época de Assurbanipal, que foi um rei letrado. Por isso, em Nínive encontrou-se uma biblioteca que continha muitos textos cuneiformes com epopéias, literatura e a mitologia do mundo arcaico, tais como o relato da criação, a epopéia de Gilgamesh, os mitos de Etana, Adapa, Zu etc.

Apesar de toda a pompa, os dias de Nínive também tiveram fim. E o fim desta época de glória começa com a formação de uma coalizão entre os babilônios, medos e caldeus. As operações iniciaram-se por volta de 616 aC, e progrediram lentamente até que se alcançou em 612 a tomada de Nínive, pondo fim a um período de dominação e de um regime de sangue, como afirma Naum 3,19: “sobre quem não pesou sem trégua a tua crueldade?”

A Nínive que tanto aterroriza o poeta é, na verdade, o símbolo do poder assírio.

### **4. Nínive: um cenário para a poesia de Naum**

A Nínive do poema de Naum era a personificação do tardio Império Assírio. Talvez os acontecimentos latentes no poema sejam principalmente os da época de Assurbanipal. Este foi o último rei poderoso da Assíria. Foi precisamente este rei quem lançou a mais forte sombra na vida política e cultural da existência de Judá.

É possível que os acontecimentos sob o reinado de Senaquerib também estejam latentes em Naum. Afinal, foi este rei que devastou Judá e outras cidades. Exorquiu pesado tributo de Ezequias e, em sua crônica real, o retratou como “semelhante a um pássaro na gaiola”. Escolheu fazer de Nínive sua capital, onde erigiu um magnífico palácio real como sua residência e sede de governo. Ele reedificou seus palácios, construiu pórticos e templos. Também construiu aquedutos e represas. Quanto ao suprimento de águas, também construiu um canal que trazia água de uma represa no rio Gaml, no norte a 48km de distância; e controlou o afluxo do rio Khasr, que atravessava a cidade, mediante a construção de uma represa em Ajeila, ao leste. Havia necessidade de água também para irrigar grandes parques ao redor de Nínive. Nesses projetos de construção eram usados os prisioneiros, incluindo os israelitas.

Os pesados anos de Judá como vassalo dos assírios foram durante o longo reinado de Manassés, filho de Ezequias, que reinou durante o período de 687-642. Ele reinou em Jerusalém debaixo de três senhorios assírios: Senaquerib, Asarhaddon e Assurbanipal. Manassés, segundo o registro do cronista, livrou-se do exílio em Nínive, possivelmente graças a Assurbanipal, e isso pode significar a formação de uma aliança entre os reinos. Assim a Assíria passa a ter um rei vassalo a servi-la em Judá. Todo o julgamento da história deuteronomista sobre Manassés identifica-o como o pior dos reis que governaram Judá, conforme 2Reis 21. Esta fama não lhe veio de graça. Não se atribui uma fama tão forte a uma pessoa quando esta não faz por merecê-la. Ele possivelmente foi colaborador do Império em sua crueldade. Mas teria o rei de Judá outra forma de agir? O que acontece com os que não cooperam? Por ter sido um colaborador do império, seria ele também alvo das críticas de Naum?

## **5. A prostituta humilhada**

Nestes versos há boa reflexão sobre a mentalidade dos profetas em relação à conduta sexual feminina. Em Naum, como em boa parte dos profetas, não falta o uso da imagem feminina. Assim, eis a imagem feminina tipificando o pecado de Nínive! É evocada, mais uma vez, a imagem das “Más Meninas”, com o símbolo da prostituta.

Nínive é uma prostituta! Estes versos se utilizam da imagem feminina provocativa para personificar a cidade que o profeta considera politicamente má e perversa. A imagem da prostituta denuncia condutas profanas e más da cidade. Ao fazer uso deste recurso lingüístico, que “supõe”, por um lado, um recurso poético e, por outro, falar de castigo divino sobre a maldade e anarquia social, Naum põe em equivalência as normas e o comportamento social através deste símbolo. Portanto, Nínive é como uma mulher sexualmente depravada e, por isso, é condenada. Veja que se usa a imagem da prostituta para falar do comportamento social e político de Nínive. Também tipifica uma relação onde os princípios do poder, da propriedade, da possessão e da pureza estão em perigo. Que melhor estratégia para legitimar o justo castigo de Javé?

Então se pergunta: qual é a utilidade do uso da imagem feminina sexualizada? Tem ela a função de assegurar a atenção do público para a mensagem, que por certo era um público masculino? Por que a imagem da prostituta causa impacto de efeito sobre o público?

Os versos usados na poesia ajudam a refletir sobre o imaginário sociocoletivo do profeta em relação ao sistema cultural das mulheres e da sexualidade feminina. Fica claro que a “promiscuidade” nas mulheres supunha uma ameaça aos códigos sociais e pessoais que constituíam a identidade patriarcal de Israel. O texto estabelece a conexão entre a conduta sexual feminina e a maldade e o poder, a violência e o erótico, o medo e a devassidão. A prostituta é apresentada como sedutora, provocativa, violenta. Ela tem como alvo mudar a conduta dos “bons” homens (nações).

O conhecimento dos atos e atitudes de uma prostituta, que aliás não é de agrado do profeta, mostra que Naum conhecia o poder do discurso figurativo sobre a imaginação dos homens. Por isso, faz uso desta imagem trabalhando, através de versos bem formulados e boa retórica, as regras de persuasão.

Uma reflexão nos leva a uma busca na história para entender a divisão das mulheres em esposas e em prostitutas. Descobre-se que esta divisão é tão antiga quanto a história patriarcal. Foi na antiga Suméria, em torno de 2000 aC, que surgiram as primeiras leis separando as duas. O Código de Lipit-Ishtar estabelecia que: “Se a esposa de um homem não lhe tiver dado filhos, mas uma prostituta da rua lhe tiver dado filhos, o homem deve prover a esta prostituta seu vinho, azeite e roupas, e os filhos que gerou dele serão seus herdeiros; mas, enquanto a esposa viver, a prostituta não deverá morar na casa junto com a esposa”.

Em relação ao casamento com uma prostituta, em um outro texto sumeriano, um pai aconselha seu filho a não tornar uma prostituta dona de sua casa, pois, além de estar acostumada a aceitar outros homens, ela seria uma esposa desagradável e intratável. Isso mostra uma divisão entre as boas “dóceis e obedientes esposas” que possuem a sexualidade controlada, e as “más prostitutas”, que não deixam controlar sua sexualidade.

Por volta dos anos 1100 aC, os assírios lançaram as primeiras prescrições legais nos códigos para os trajes das prostitutas. Estas foram instruídas a usar jaquetas de couro especial, “para atrair a atenção”, e foi promulgado um decreto segundo o qual elas não deviam de modo algum usar o véu, que era reservado como uma marca da submissão da mulher, filha ou esposa, a um homem. As prostitutas que desafiavam esta lei arriscavam-se a receber cinquenta chibatadas e ter um produto como o piche derramado sobre a sua cabeça.

Portanto, vem de longe esta divisão entre “boas” e “más” mulheres. As esposas são domesticadas e têm sua sexualidade controlada. As prostitutas mantinham sua autonomia sexual e também econômica, resistindo à domesticação. Mas sua sexualidade rebelde e a não-dependência de um homem eram uma ameaça óbvia à autoridade patriarcal.

A denúncia da prostituição é testemunha da dificuldade que possivelmente os próprios guias espirituais encontraram para controlar a vida sexual de seu povo. Pelos textos do Antigo Testamento nota-se que a prostituição não era algo incomum na sociedade. A prostituição floresceu em Canaã. Ali as prostitutas podiam ser vistas pelas ruas das cidades, onde cantavam e tocavam harpa, sentadas nos cruzamentos das ruas, nas soleiras de suas casas, chamando os passantes ou até andando pela cidade com seus trajes coloridos.

Enfim se conclui que as prostitutas são alvo de duras críticas dos profetas. Eles consideram que a autonomia sexual das mulheres era a raiz de todo o mal, e passaram a identificar as mulheres que viviam de seu corpo como a incorporação viva de tudo que é mal. Essa imagem faz parte do imaginário do povo israelita, e foi utilizada para descrever cidades capitais de reinos para demonstrar suas maldades e injustiças.

### **Bibliografia**

ROBERTS, Nickie. *As prostitutas na história*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

WEEMS, Renita J. *Amor maltratado: matrimonio, sexo y violencia en los profetas hebreos*. Bilbao: Desclée De Brouwer, 1997

*Marli Wandermurem*  
Rua Luís Pasteur, 259  
Parque Real  
Diadema SP  
09990-180  
marwe@bol.com.br